



RIMBAUD E A COMUNA DE PARIS

O TEMPO DE “O BARCO BÊBADO”

Marcos Silva

Professor do Departamento
de História da FFLCH-USP

de

*Escrito em
1871 e
apresentado a
Paul Verlaine em
novembro desse
ano, seis meses
após o
esmagamento da
Comuna, o poema
de Arthur Rimbaud
“O Barco
Bêbado”
apresenta
uma*

*História, com seu
personagem que nasce,
aprende, enfrenta
adversidades, sente
prazeres, interpreta o
mundo, nele interfere
e finda morrendo,
como os homens e as
mulheres*

Um dos mais conhecidos poemas de Arthur Rimbaud é

O Barco Bêbado

*Quando eu já descia Rios impassíveis,
Não mais me senti preso a guias e galés:
Pels-vermelha a gritar os encrivaram, críveis,
Todos crus alvos nus nos totens de pincéis.*

*Em nada me importava quem eu carregara
Com o trigo flamengo ou o algodão inglês.
Como toda a zoada com os guias finara,
Rios me liberaram escolher fluxo e vez.*

*Nos clamores, ímãs e furor das marés,
Eu, inverno, mais surdo que mentes infantis,
Eu corri! E as Penínsulas, soltos os pés,
Nunca se descarnaram em caos mais triunfantes.*

*Tempestade bendisse minhas albas marinhas.
Bem mais leve que rolha eu dancei nos torós
Que se diz tornear norte das vitiminhas,
Dez noites, sem buscar o olhar dos faróis!*

*Mais doce que maçãs em boca de criança,
Água verde invadiu-me a carcaça de lei
E de vômito e vinhos azuis, gosma mansa
Me lavou, desprovido de leme e arpão, sei.*

*Desde então, é que eu mergulhei no Poema
Do Mar, infusão de astros, um lácteo mar,
Devorando os verde-anis; onde, clara gema,
Arrebatado, um corpo afunda a ensimesmar;*

*Onde, adensando azuis num só golpe, delírios
E ritmos lentos, rutilamento a se por,
Mais fortes que o álcool ou a lira que mire-os,
Fermentam os rubores amargos do amor!*

*Sei desses céus rasgando clarões e das trombas,
Das ressacas, correntes: do entardecer,
Da exaltada Alba, qual turba de pombas,
E já vi o que o homem pensou tido ver!*

*Vi o cadente sol, bolor de horror místico,
Com luz roxa de raio em feixes antigos,
Como atores de velho drama artístico
Ondas levando longe o tremor de postigos!*

*Sonhei com verde noite e deslumbrantes neves,
A beijar lentamente os olhos do mar,
Com a corrente de espantosas seivas leves,
Amarela alba azul de fósforo a cantar!*

*Assisti, mês a mês, como vaca em histerias,
À potência do mar recifes violentar,
Sem supor que os pés luminares de Marias
Focinhos de Oceanos pudessem assentar!*

*Tropecei, vós sabeis, em Flóridas incríveis
Mescla flor e olhos de pantera em pelo
De homens! Arcos-íris, rédeas invencíveis
No horizonte mar de rebanho amarelo!*

*Eu vi fermentarem nassas, mangues enormes
Onde apodrece em juncos todo um Leviatão!
Umas sínopes d'água em ares uniformes,
E lonjura em cataratas de furacão!*

*Gelos, sóis prata, ondas nácar, céus em brasa!
E profundos naufrágios em golfos de breu
Onde grandes serpentes que percevejo arrasa
Caem, de torto lenho, em negror que fedeu!*

*Eu queria expor às crianças o ouro
De onda azul, áureos peixes, peixes que cantam.
- No embalo do buquê de espumas em coro,
Inefáveis ventos meu corpo levantam.*

*Às vezes, mártir tonto dos pólos e zonas,
Solução do mar me fazia fedelho,
Jogava-me flores carvão e amarelonas
E eu me mantinha fêmea de joelhos...*

*Pré-ilha, rebocando lamentos, ruídos
E fezes de gralhas com olhos cor de dentes.
E eu já vagueava, e em meus fios puídos
Afogados vinham, marcha a ré, dormentes!*

*Pois eu, barco entre pêlos, perdido nas ansas,
Que o furacão lançou num ar sem ave ou vôo,
De quem os Monitores, veleiros das Hansas
Não pescariam o casco que a água embriagou;*

*Livre, entre fumos, sob brumas violetas,
Eu que rasgava céu rubro de murado
Que contém, raro glacê dos bons poetas,
Uns líquenes de sol e muco azulado,*

*Que corri, manchado por luar elétrico,
Prancha louca, entre alas de hipocampos breu,
Quando os julhos faziam lascar-se tétrico
Em ardentes funis o ultramar do céu;*

*Eu que tremia, ouvindo a cinqüenta léguas
O cio de Behemots e Maelstroms eretos,
Fiandeiro eterno de azuladas tréguas,
Evoco da Europa os velhos parapetos!*

*Eu vi arquipélagos astrais! e vi ilhas
Cujos céus delirantes se abrem ao que for:
- Esse é o negror sem fim onde dormes, te empilhas,
Milhão de aves de ouro, ó futuro Vigor? -*

*Ah, sim, muito chorei! Pungentes são Albores.
Toda lua é atroz e todo sol é sal:
O acre amor me inflou de álcool e torpores.
Que esta quilha exploda! Seja mar afinal!*

*Se eu desejo água de Europa, é sarjeta
Negra e fria onde, ocaso em bálsamo de ensaio,
Um menino agachado, em só tristeza, meta
Um barco que trema qual borboleta em maio.*

*Não posso mais, no langor de vocês, marolas,
Me juntar a esses barcos que carregam algodões,
Nem traspasar poder; flâmulas, bandeirolas,
Nem vagar sob o olhar horrível dos pontões.*

A voz narrativa (ou o eu visível) do poema é do próprio barco, apresentando sua trajetória completa, do ato de se soltar de “guias e galés” à declaração final de impotência diante de outros barcos que “carregam algodões”, como ele o fizera no começo do percurso (“Em nada me importava quem eu carregara/Com o trigo flamengo ou o algodão inglês”), equiparando coisas a pessoas, evocando a mercadoria como valor universal e negando-se a ser reduzido a uma função utilitária.

Entre esses momentos inicial e final, o barco fala sobre o que sente e vê, e descreve suas relações com diferentes águas (rios, mar, mangues, sarjeta) — seu mundo e alimento, embriagadora bebida, um tecido de vida e morte. Ele vai contando essa finita existência, a partir da saída do útero (libertar-se dos umbilicais “guias e galés”), enquanto também apresenta outras vidas e mortes ao seu redor, culminando com a visão daqueles pares, que nascem à sombra do “olhar horrível dos pontões” — referência a barcos-prisões da segunda metade do século XIX, conforme comentários de Suzanne Bernard, numa edição francesa das *Obras de Arthur Rimbaud*, pela Garnier Frères, e de Antoine Adam, noutra edição francesa das *Obras Completas de Arthur Rimbaud*, pela Gallimard — e metáfora da repetição, pontuada por diferenças e lutas.

Através do barco, Rimbaud retoma, de maneira nada heróica, alguns temas literários clássicos, como as trajetórias de Ulisses, na *Odisséia*, e Noé, na *Bíblia*, textos que E. Auer-

bach, no livro *Mimesis – A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*, situou nas origens das concepções ocidentais de representação. O poeta mistura esses referenciais prestigiosos, um pouco degradados, com evocações de suas leituras juvenis (almanaques ou livros de aventuras de James Fenimore Cooper e Jules Verne, escritos de Victor Hugo e Edgar Allan Poe, dentre outros, como apontam Augusto Meyer, no ensaio “*Le Bateau Ivre*”: *Análise e Interpretação*, e Bernard e Adam, nas obras indicadas), casos dos índios e das exóticas fauna e paisagem de fantasia — penínsulas que se descar-

*Em seu campo específico
de pensamento, o poema
aborda a História: barco
é “borboleta em maio”*

nam, “Flóridas incríveis”, “peixes que cantam” e “ar sem ave ou vôo” —, situando esses materiais numa problemática textual própria. Além disso, ele prescinde do herói condutor do barco: a própria nave se assume como personagem e narrador.

Fala de um mar coalhado de “vitiminhas”, onde “um corpo afunda” e “Afogados vinham”, índices da onipresente vida se escoando. A natureza aparece dotada de grandiosidade (“furor das marés”), força (“potência do mar” e “focinhos de Oceanos”) e múltipla materialidade (“lácteo-mar”, “bolor [do] cadente sol”, “Mescla flor e olhos de pante-

ra em pelo/De homens!”), “céu rubro de murado”). O barco-narrador sofre seus efeitos, mas também faz opções diante desse poder, como se observa no dançar “nos torós/ [...] sem buscar o olhar dos faróis”.

Esse barco figura enfrentando poderes, dotado de outros poderes (dentre os quais, os de ver e dizer), inclusive porque, bêbado, alegremente “desprovido de leme e arpão”, lavado, pela “água verde”, desses e de outros vestígios humanos banais. Ele observa e experimenta sentimentos, como os gritos dos peles-vermelhas, a zoad dos guias, a surdez das “mentes infantis”, os “rubores amargos do amor”.

O mar recebe de sua voz atributos de homem (olhos que são beijados, potência fálica a violentar recifes, soluço), e o próprio barco se identifica na condição humana, tanto enunciando sentimentos, como se definindo em relação à surdez de “mentes infantis” (certa dimensão de liberdade da poesia diante do mundo adulto, que domina), ao paladar da “boca de criança”, àquilo “que o homem pensou tido ver”, ao ser feito fedelho e fêmea de joelhos. O ato de ler transfere a condição narradora para o leitor, que também mergulha “no Poema do Mar”, como barco, desdobrando este, portanto, em mais momentos e situações humanas.

O mesmo sujeito-objeto barco se define em relação ao fazer da Poesia e do mundo, ao indicar o mergulho no “Poema do Mar” — espécie de entrada plena na vida — e, quase no final do percurso, ao evocar “Um menino agachado, em só tristeza [...]”, que mete na “sarjeta/negra e fria [...] /Um barco que trema qual borboleta em maio”.

Se esses últimos versos lembram metaforicamente o fazer do poeta no próprio texto, é preciso salientar como o escritor aparece próximo do barco, na condição de menino, com sua trêmula embarcação de brinquedo, dividindo com esta a fragilidade e a força para enfrentar a Europa, suposto centro da civilização, portadora de tradição (“velhos parapeitos”, barreiras e passagens) e fornecedora de sarjeta.

Outra face metafórica desse trecho remete à figura de um Deus que lança os barcos no mar, à sua imagem e semelhança, abandonando-os à própria sorte, ao “olhar horrível dos pontões” — barcos que aprisionam, semelhantes que dominam, usados contra os derrotados da Comuna de Paris, para detenção e deportação.

“O Barco Bêbado”, escrito em 1871 e apresentado a Paul Verlaine em novembro desse ano, seis meses após o esmagamento da Comuna, apresenta uma História, com seu personagem que nasce, aprende, enfrenta adversidades, sente prazeres (particularmente, a estesia de cores e outras matérias: “verde-anis”, “Poema/Do Mar, infusão de astros”, “verde noite e deslumbrantes neves”, “Amarela alba azul”, “flores carvão e amarelonas”), interpreta o mundo, nele interfere e finda morrendo, como os homens e as mulheres!

É uma História em que Deus parece próximo do poeta e do barco, no que diz respeito a fragilidade e impotência — os “pés luminares de Marias”, referência, de acordo com Bernard e Adam, a imagens da Mãe de Cristo que eram conduzidas na proa de barcos franceses, junto com lanternas, não impediam a “potência

do mar”. Ao mesmo tempo, o barco figura como frágil borboleta, na primavera (maio, mês dessa estação e do fim da Comuna de Paris), de breve vida. Em seu campo específico de pensamento, portanto, o poema aborda a História, desafiando alguns dizeres clássicos sobre significados desta em relação à Poesia.

Platão, no livro *A República*, caracterizou o fazer da Poesia como lugar dos “imitadores do simulacro da virtude”, de uma “arte (...) muito afastada da verdade”. Tal idéia justificava tanto certa admiração pelos poetas, portadores da peste da bele-

*Embora contemporâneo
de Marx, Nietzsche
e Freud, Rimbaud nunca
deve ter lido nada
desses autores*

za, como a necessidade de excluí-los do convívio com outros cidadãos, frente à ameaça à ordem que podiam representar, com a falsa formação que ofereciam: “a razão nos obrigou a assim proceder”.

Já Aristóteles, no texto *Poética*, afirmou, contra aquele paradoxo da boa Filosofia nascente, que os produtores de Poesia detinham a capacidade de tornar visível o campo dos possíveis, atingindo o universal. Ele introduziu, assim, a oposição entre realidade e ficção, que se tornaria clássica no pensamento ocidental: falar do que aconteceu seria coisa de Historiador, preso ao particular.

Em Rimbaud — como em Giambatista Vico, Friedrich Nietzsche, Walter Benjamin e Fernando Pessoa, dentre outros — a contradição entre Poesia e História (ou entre possibilidade e fato) se revela um nada.

Vico, em *Princípios de uma Ciência Nova*, situa o nascimento do pensar no fazer poético. Em Friedrich Nietzsche, como pode ser exemplificado em inúmeros fragmentos da edição brasileira *Obra incompleta*, e Walter Benjamin, caso do ensaio “Sobre o conceito de História”, incluído no volume *Magia e Técnica, Arte e Política*, dentre tantos outros textos, a escrita filosófica, de ressonância poética, é inseparável de conceitos e análises. Fernando Pessoa, através do heterônimo Álvaro de Campos, no poema “Pecado Original”, caracteriza o possível como “verdadeira História da humanidade”.

Contemporâneo da Comuna de Paris, sobre a qual escreveu diretamente poemas — “Canto de Guerra Parisiense”, “As Mãos de Jeanne-Marie” e “A Orgia Parisiense ou Paris se Repovoa” (para Adam, o último trata da elite parisiense retornando após a trégua com a Prússia) —, Rimbaud, em “O Barco Bêbado”, expressa seu ódio à burguesia, sem sequer mencionar, de forma explícita, esse grupo.

Ele consegue tal proeza através de um trabalho que desfaz o chão burguês de valores seguros — o progresso de sabor positivista (“Esse é o negror sem fim onde dormes, te empilhas,/Milhão de aves de ouro, ó futuro Vigor?”), um Deus todo poderoso e tolerante, manifestando a importância ideológica do Catolicismo nas sociedades européias após a Restauração (“Tempestade bendisse

minhas Albas marinhas”), a preservação de lugares hierárquicos muito bem definidos, negadores do espectro de revolução (“grandes serpentes que percevejo arrasa”) — e mesmo de modos de enunciação. A evocação de lutas e o espectro final de velhice e morte tratam de apagar qualquer vestígio daquela segurança, restando o poema como desafiador monumento diante de efêmeros poderes.

Esse pensamento se deu num mundo em que a História, ali submetida a duras críticas, era considerada como existente. Vivendo no mesmo tempo em que Karl Marx, Friedrich Engels e Nietzsche escreviam e Sigmund Freud se preparava para seu trabalho de interpretação da psique humana, Rimbaud nunca deve ter lido nada desses grandes autores, nem deve ter sido lido por eles: o poeta morreu em 1891 e Freud começou a publicar, na Áustria, em 1886; até a morte de Rimbaud, as edições de Marx/Engels e Nietzsche ainda tinham divulgação restrita, o que também ocorria com o escritor francês; as referências de Marx e Engels à Literatura incidiram mais sobre clássicos (gregos antigos, Shakespeare, Cervantes, Goethe) e, no século XIX, os romancistas que tematizavam aspectos do capitalismo, como Dickens e Balzac, o que pode ser observado nos fragmentos sobre esse campo temático, publicados no volume *Sobre Literatura e Arte*; na biografia que Daniel Halévy dedicou a Nietzsche, surgem como leituras francesas prediletas do filósofo Pascal, Montaigne, Stendhal e, dentre seus contemporâneos, numa escala menor, Maupassant, os Goncourt e Baudelaire.

Rimbaud também contribuía para desfazer ilusões sobre aquele mundo, enfrentando alguns de seus mais poderosos argumentos. Fazia isso a partir da História, denunciando-lhe a mediocridade e a falta de verdadeiras alternativas (o entusiasmo pela Comuna foi uma exceção), identificando-se como olhar crítico e inimigo daquele mundo. Como clássico de ruptura, ele se referia a uma História que, um dia, foi inventada na condição de conceito e passou a figurar enquanto marca

*Hegel evocou
experiências de
historicidade entre
chineses, hindus,
egípcios, persas
e outros povos*

distintiva da experiência humana — no poema, uma triste marca.

Hannah Arendt, no livro *Entre o Passado e o Futuro*, identificou tal invenção entre os gregos antigos, associada ao trabalho poético, mesmo antes de filósofos e historiadores a abordarem. Evocando Homero, Arendt realçou o peso atribuído pelos gregos à História como espaço da ação excepcional, que distinguia alguns seres humanos da mera condição natural, diferenciando-os das folhas caídas, das pedras roladas ou de um sopro de vento porque seus feitos seriam merecedores da rememoração. Se Heródoto dirigiu seu olhar para gregos e outros povos do



Mediterrâneo — donde alguns pesquisadores da Nova História francesa, como o François Hartog de *O Espelho de Heródoto*, identificarem-no como uma espécie de proto-etnógrafo —, Tucídides reforçou seu caráter de auto-reflexão grega, submetida a critérios de verdade e prova.

Os gregos inventaram uma consciência da História, mas isso não significa que inexistia experiência de História antes dessa invenção. Mesmo Georg Hegel, nas *Lições sobre a Filosofia da História*, tão respeitoso em relação às tradições helênicas e excludente no que diz respeito ao que pertenceria ou não à História como explicitação da razão, evocou experiências de historicidade entre chineses, hindus, egípcios, povos da Mesopotâmia e persas, num trajeto metafórico paralelo ao do sol, que nasce no oriente e se dirige para o ocidente. Para ele, nem tudo que os homens fizeram era História: uma



lista ampliada de povos históricos só poderia ser feita se contestadas suas exclusões de África e América pré-colombiana, por exemplo.

O sentido da História, segundo Jacques Le Goff, no verbete “História”, da *Enciclopédia Einaudi*, foi anunciado, ao menos, em três perspectivas: movimentos cíclicos, o fim da História como perfeição deste mundo (a tradição marxista) e o fim da História fora dela (a escrita de Agostinho sobre a cidade de Deus).

Hegel, pouco receptivo aos “historiadores de ofício”, como o declarou nas *Lições sobre a Filosofia da História*, falou filosoficamente também num reconhecimento recíproco entre os homens, expresso no mito do combate original, que resultara na definição dos papéis de senhor (quem ousou colocar a vida em risco e venceu) e escravo (aquele que, derrotado, procurou preservar a vida, submetendo-se ao

Le Bateau Ivre

Comme je descendais des Fleuves impassibles,
Je ne me sentais plus tiré par les haleurs :
Des Peaux-Rouges criards les avaient pris pour cibles
Les ayant cloués nus aux poteaux de couleurs.

J'étais insoucieux de tous les équipages,
Porteur de blés flamands et de cotons anglais.
Quand avec mes haleurs ont fini ces tapages
Les Fleuves m'ont laissé descendre où je voulais.

Dans les clapotements furieux des marées,
Moi, l'autre hiver, plus sourd que les cerveaux d'enfants,
Je cours ! Et les Péninsules démarrées
N'ont pas subi tohu-bohu plus triomphants.

La tempête a béni mes éveils maritimes.
Plus léger qu'un bouchon j'ai dansé sur les flots
Qu'on appelle rouleurs éternels de victimes,
Dix nuits, sans regretter l'oeil ni ais des falots !

Et dès lors, je me suis baigné dans le Poème
De la Mer, infusé d'astres, et lactescent,
Dévorant les azurs verts ; où, flottaison blême
Et ravie, un noyé pensif parfois descend ;

Où, teignant tout à coup les bleuïtés, délires
Et rythmes lents sous les rutillements du jour,
Plus fortes que l'alcool, plus vastes que nos lyres,
Fermentent les rousseurs amères de l'amour !

Je sais les cieux crevant en éclairs, et les trombes
Et les ressacs et les courants : Je sais le soir,
L'aube exaltée ainsi qu'un peuple de colombes,
Et j'ai vu quelques fois ce que l'homme a cru voir !

J'ai vu le soleil bas, taché d'horreurs mystiques,
Illuminant de longs figements violets,
Pareils à des acteurs de drames très-antiques
Les flots roulant au loin leurs frissons de volets !

J'ai révé la nuit verte aux neiges éblouies,
Baiser montant aux yeux des mers avec lenteurs,
La circulation des sèves inouïes
Et l'éveil jaune et bleu des phosphores chanteurs !

J'ai suivi, des mois pleins, pareilles aux vacheries
Hystériques, la houle à l'assaut des récifs,
Sans songer que les pieds lumineux des Maries
Pussent forcer le mufler aux Océans poussifs !

J'ai heurté, savez-vous, d'incroyables Florides
Mêlant aux fleurs des yeux des panthères à peaux
D'hommes ! Des arcs-en-ciel tendus comme des brides
Sous l'horizon des mers, à de glauques troupeaux !

J'ai vu fermenter les marais énormes, nasses
Où pourrit dans les joncs tout un Léviathan !
Des écroulements d'eau au milieu des bonaces,
Et les lointains vers les gouffres cataractant !

Glaciers, soleils d'argent, flots nacreux, cieux de braises !
Échouages hideux au fond des golfes bruns
Où les serpents géants dévorés de punaises
Choient, des arbres tordus, avec de noirs parfums !

J'aurais voulu montrer aux enfants ces dorades
Du flot bleu, ces poissons d'or, ces poissons chantants.
- Des écumes de fleurs ont bercé mes dérades
Et d'ineffables vents m'ont ailé par instant.

Parfois, martyr lassé des pôles et des zones,
La mer dont le sanglot faisait mon roulis doux
Montait vers moi ses fleurs d'ombres aux ventouses jaunes
Et je restais, ainsi qu'une femme à genoux...

Presque île, balottant sur mes bords les querelles
Et les fientes d'oiseaux claboteurs aux yeux blonds.
Et je voguais lorqu'à travers mes liens frêles
Des noyés descendaient dormir à reculons !

Or moi, bateau perdu sous les cheveux des anses,
Jeté par l'ouragan dans l'éther sans oiseau,
Moi dont les Monitors et les voiliers des Hanses
N'auraient pas repêché la carcasse ivre d'eau ;

Libre, fumant, monté de brumes violettes,
Moi qui trouvais le ciel rougeoyant comme un mur
Qui porte, confiture exquise aux bons poètes,
Des lichens de soleil et des morves d'azur ;

Qui courais, taché de lunules électriques,
Planche folle, escorté des hippocampes noirs,
Quand les juillots faisaient couler à coups de trique
Les cieux ultramarins aux ardents entonnairs ;

Moi qui tremblais, sentant geindre à cinquante lieues
Le rut des Béhémots et les Maelstroms épais,
Fileur éternel des immobilités bleues,
Je regrette l'Europe aux anciens parapets !

J'ai vu des archipels sidéraux ! et des îles
Dont les cieux délirants sont ouverts au vogueur :
- Est-ce en ces nuits sans fond que tu dors et t'exiles,
Million d'oiseaux d'or, ô future vigueur ? -

Mais, vrai, j'ai trop pleuré ! Les Aubes sont navrantes.
Toute lune est atroce et tout soleil amer :
L'âcre amour m'a gonflé de torpeurs enivrantes.
O que ma quille éclate ! O que j'aille à la mer !

Si je désire une eau d'Europe, c'est la flache
Noire et froide où vers le crépuscule embaumé
Un enfant accroupi plein de tristesses, lâche
Un bateau frêle comme un papillon de mai.

Je ne puis plus, baigné de vos langueurs, ô lames,
Enlever leurs sillages aux porteurs de cotons,
Ni traverser l'orgueil des drapeaux et des flammes,
Ni nager sous les yeux horribles des pontons.

vencedor), tema presente na *Fenomenologia do Espírito*.

Rimbaud, no espaço poético, referiu-se ao convívio diuturno do barco-homem com “vitiminhas”, “um corpo (que) afunda” e “Afogados”, faces da própria condição daquela nave, a certa indiferença em relação aos seres-mercadorias que transportara e à perda final na disputa com outros barcos (a impotência para “Se juntar a esses barcos (...), / e (...) transpassar poder (...)”), também identificável à recusa da exclusiva identidade utilitária e de um rotineiro itinerário, na interpretação de Bernard. A deriva poética desaguou num mundo de alternância entre coisas e pessoas, perigosamente próximo da indiferenciação ou mesmo da preponderância das primeiras, sem perder a vontade de diferença, culminando com o espectro da morte.

A História que se apresenta nesse poema configura um ciclo de vida e morte, onde o barco é feito (“Rios me liberaram”) mas também se faz (“escolher fluxo e vez”). Essa dupla condição — ser feito e se fazer — pode ser posta em paralelo com uma reflexão inicial de Marx, no texto “O Dezoito Brumário”: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

Se Marx apenas afirmasse a História como livre fazer, seu pensamento estaria no pleno reino do voluntarismo, associado a certa reatualização do cogito cartesiano, numa espécie de “Faço História, logo existo” (paralelo ao “Penso, logo existo”, do *Discurso*

do Método). Ele adverte, todavia, para o grande peso, naquele fazer, das circunstâncias encontradas, legado de um passado, “tradição de todas as gerações mortas (que) oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos”.

A grande leitura benjaminiana desse tema de Marx, à luz da Poesia, no texto antes indicado, citando ou glosando os poetas Stephen George, Bertolt Brecht e Charles Baudelaire, transfigurou tais imagens na figura do Anjo da História, apavorado diante das ruínas e dos mortos que o passado oferece como espetáculo.

Tanto em Marx como em Benjamin, a História jamais se reduz ao

*Em vários poemas,
Rimbaud desafiou
os poderes que
derrotaram a
Comuna de Paris*

passado, remetendo, pelo contrário, para as relações presente/passado e sua superação. “O Dezoito Brumário” é claro exemplo dessas articulações, interferindo no presente da ditadura imperial de Luís Bonaparte e do poder burguês que ela representou. Em sentido paralelo, muitas décadas depois, “Sobre o Conceito de História”, de Benjamin, faria um balanço de derrotas operárias (a ascendência social-democrata sobre seus movimentos, o mito historicista do puro passado, a ascensão nazifascista), visando a ultrapassá-las.

Para Marx e Engels, falar em História é pensar na produção da vida

material pelos homens, marcada pela desigualdade social, a partir da propriedade dos meios de produção, que garante o domínio sobre os despossuídos, e de outras faces da luta de classes. Essa reflexão significa, portanto, um permanente balanço sobre relações de poder, intermediadas pela coerção física e pelo convencimento ideológico. A superação de tal quadro parte de potencialidades materiais da produção, identificadas na sociedade capitalista, e da capacidade de luta dos setores sociais ali explorados, como se observa em muitos exemplos de *História*, coletânea de textos de ambos, organizada por Florestan Fernandes.

Contemporâneo de Marx/Engels e tão diferente deles em tantos aspectos, Nietzsche criticou a democracia moderna como vitória de uma moral da acomodação, tributária do Cristianismo, essa religião de escravos. Suas análises sobre a materialidade dos poderes opuseram à piedade cristã diante dos pobres uma visão das relações sociais como enfrentamento de forças. Na *Genealogia da Moral*, ursos adoram comer tenros carneiros, donde o bem significar, para os primeiros (fortes), o exercício de seu poder, apreendido como mal pelos outros (fracos) — daí, a moral do ressentimento destes.

A única possibilidade de os carneiros mudarem aquele quadro seria, livres de pastores (como no poema “Bois Dormindo”, de Zila Mamede, inspirado no conto “Conversa de Bois”, de João Guimarães Rosa: “e ausentes de limites e porteiras/arquitetassem sonhos [sem currais]”), tornarem-se mais fortes que os ursos! — mas não era essa a prio-

ridade para o filósofo alemão.

A incapacidade da Mãe de Cristo para deter a “potência do mar” demonstra a distância entre a escrita de Rimbaud e a referida religião de escravos: o “Poema do Mar” se revela superior ao sagrado cristão, porque mais forte; o mundo de “O Barco Bêbado” é composto por relações entre forças materiais, marcadas por arranjos que, todavia, podem surpreender, como o percevejo que arrasa “grandes serpentes”. A visão dos mortos não suscita piedade no barco, inclusive porque assume certo caráter antecipador em relação ao desfecho de seu percurso, desprovido de auto-condescendência.

Marx e Engels caracterizaram a História pela luta de classes. O fim dessa luta, com o sucesso revolucionário, significaria criar uma outra situação, que os dois rigorosos críticos dos utopistas — no *Manifesto Comunista*, de ambos, e em *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, de Engels — trataram de não antecipar em maiores detalhes. Pode-se aventar, entretanto, que, na perspectiva dos dois, a História como luta de classes se encerraria numa transformação radical das relações entre os homens.

Nietzsche evoca a morte de Deus como acontecimento complexo e mesmo traumático: “Nós o matamos – vocês e eu. (...) Como conseguimos beber inteiramente o mar? (...) Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele?” (“A Morte de Deus”, § 125 de *A Gaia Ciência*, editado como apêndice na edição brasileira de *Genealogia da Moral*). Sem retomar a tradição cristã, que tanto criticou, Nietzsche contribui

para uma reflexão sobre a intensa presença de seus valores num mundo que anunciou instituições políticas leigas e passou a reivindicar a dimensão humana de seus fazeres.

Aludir a Marx/Engels e Nietzsche num comentário sobre Rimbaud, a História e a Comuna de Paris não significa equiparar seus projetos, tão diferenciados, nem procurar “influências”, pouquíssimo prováveis. Trata-se de um convite a pensar sobre construções críticas da História, a partir de propostas políticas e textuais díspares, que possuem em comum a dureza com o mundo existente e a vontade de vê-lo explodir.

Rimbaud e seu barco desafiaram poderes. O poeta também o fez, e intensamente, nas provocações aos que derrotaram a Comuna de Paris, nos poemas “Canto de Guerra Parisiense”, “As Mãos de Jeanne-Marie” e “A Orgia Parisiense ou Paris se Repovoa”, cantando a altivez dos vencidos, muito mais que vencidos.

A Comuna de Paris, mesmo na condição de barco que trema qual borboleta em maio, foi um ensaio daquela explosão, em sua vida curta mas cheia de belezas próprias, longe da perfeição deste mundo e esboçando a superação de graves imperfeições nele existentes. Rimbaud reconfigurou essa ousadia da Comuna no seu mundo de palavras e outras ações tão radicais, falando de poesia — quer dizer, de tudo.

Nota do Autor. Este texto é parte de comunicação apresentada na mesa-redonda “Os Intelectuais e a Comuna de Paris”, durante o Seminário “130 Anos da Comuna de Paris” (*FFLCH/USP*, 22 a 25.5.2001). A tradução do poema é de mi-

nha autoria. Dedico-o a Luís Carlos Guimarães, poeta e tradutor de Rimbaud, que morreu em Natal, RN, no dia 21.5.2001.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO – *A Cidade de Deus – Contra os Pagãos*. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 1991 (Pensamento humano).
- ARENDE, Hannah – *Entre o Passado e o Futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972 (Debates).
- ARISTÓTELES – *Poética*. Tradução de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril, 1984 (Pensadores).
- AUERBACH, E. – *Mimesis – A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. Tradução de George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1971.
- BENJAMIN, Walter – “Sobre o Conceito de História”, in: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp 222/232.
- DESCARTES, René – “Discurso do Método”, in: *Discurso do Método e Outros Textos*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr.. São Paulo: Abril, sem data, pp 33/79 (Pensadores – XV).
- ENGELS, Friedrich – *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. Tradução de João Abel. Lisboa: Estampa, 1971 (Teoria – 6).
- LE GOFF, Jacques – “História”, in: LE GOFF, Jacques, et al. – *Memória/História*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Porto: Casa da Moeda, 1984, pp 158/260 (*Enciclopédia Einaudi – 1*).
- GUIMARÃES ROSA, João – “Conversa de Bois”, in: *Sagariana*. 14ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, sem data, pp 287/323.
- HALÉVY, Daniel – *Nietzsche*. Sem indicação de tradutor. Porto: Inova, sem data.
- HARTOG, François – *O Espelho de Heródoto*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- HEGEL, Georg. W. – *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Petrópolis: Vozes, 1992 (Pensamento humano).
- IDEM – *Lecciones sobre la Filosofía de la Historia*. Tradução de José Gaos. Madrid: Alianza, 1985.
- MAMEDE, Zila – “Bois Dormindo”, in: *Navegos*. Belo Horizonte: Vega, 1978, p. 109.
- MARX, Karl – “O Dezoito Brumário”, in: *O Dezoito Brumário e Cartas a Kugelmann*. Tradução de Leandro Konder e Renato Guimarães. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pp 9/159.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich – *História*. Tradução de Florestan Fernandes et al. São Paulo: Ática, 1988 (Grandes Cientistas Sociais – 36).
- IDEM – *Manifesto do Partido Comunista*. Sem indicação de tradução. São Paulo: Novos Rumos, 1986.
- IDEM – *Sobre Literatura e Arte*. Tradução de Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1974 (Teoria - 7)
- MEYER, Augusto – “*Le Bateau Ivre*” – *Análise e Interpretação*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955.
- NIETZSCHE, Friedrich – *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1974.
- IDEM – *Obra Incompleta*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1974 (Pensadores – XXXII).
- PESSOA, Fernando (Álvaro de Campos) – “Pecado Original”, in: *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1968, p. 105 (Nossos Clássicos – 1).
- PLATÃO – *A República*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1988.
- RIMBAUD, Arthur – *Oeuvres*. Sommaire biographique, introduction, notices, relevé de variantes et notes par Suzanne Bernard. Paris: Garnier, 1960.
- IDEM – *Oeuvres Complètes*. Éd. Établie, présentée et annotée par Antoine Adam. Paris: Gallimard, 1983.
- VICO, Giambattista – *Princípios de uma Ciência Nova*. Tradução de Antonio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Abril, 1984 (Pensadores).